

Jorge Cardoso



A criação de depósitos de lixo é um problema para as metrópoles: esses espaços não podem ser muito perto para não poluir as cidades nem tão longe pelo alto custo do transporte dos dejetos

Sobras amargas da vida moderna

DF lixo

As 1,5 mil toneladas de lixo que Brasília produz diariamente podem sufocar a cidade em seus próprios dejetos em cinco anos

Lauro Aires
Da equipe do *Correio*

Há um problema ambiental grave, muito próximo das pessoas, que não ganha espaço nobre na mídia nem na pauta dos ambientalistas. São os restos, a sobra de tudo que é consumido pela sociedade moderna. Se o programa de reciclagem adotado pelo Governo do Distrito Federal não tiver a adesão da comunidade, Brasília será sufocada pelo próprio lixo. No atual ritmo de acumulação de dejetos, a capacidade de armazenamento do único depósito dos brasilienses, o Lixão, estará esgotada em cinco anos.

O objetivo da reciclagem é diminuir o número de rejeitos de cada grupo de lixo. Os rejeitos são os materiais não aproveitados nem como adubo nem como matéria-prima na indústria. São eles que entopem os 174 hectares do Lixão — terreno equivalente a 174 campos de futebol.

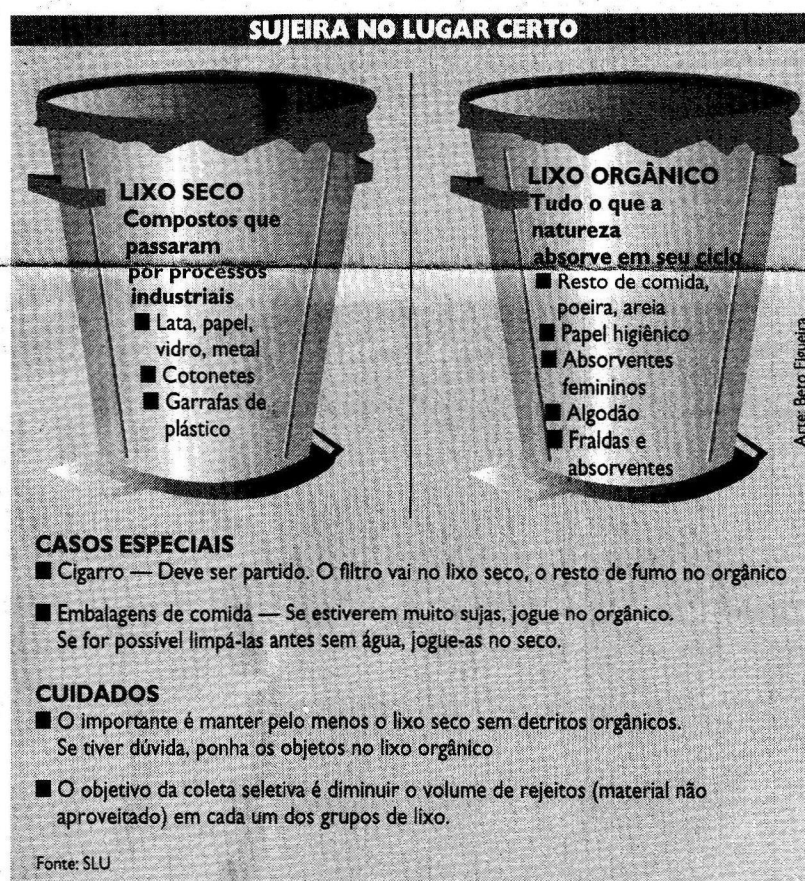
A redução do número de rejeitos é necessária porque é difícil conseguir áreas para depósitos como o Lixão. Esses espaços não podem estar muito perto das cidades, já que poluem o ambiente, nem muito longe, pois o transporte de lixo é uma atividade cara. "Cerca de 2% do orçamento do DF são gastos

com limpeza", afirma o secretário de Meio-Ambiente, Chico Floresta. São R\$ 80 milhões anuais. "E a Taxa de Limpeza Pública só cobre 20% disso", completa o diretor-geral do SLU, Luciano Sales de Oliveira.

Para que o Lixão tenha capacidade de absorver os dejetos dos brasilienses, o governo conta com um financiamento de R\$ 1 milhão do Banco Mundial, obtido por meio do Ministério do Meio-Ambiente. Com mais R\$ 1 milhão investido pelo GDF, o que é depósito de lixo será transformado em aterro sanitário (um depósito com todas as precauções de segurança devidamente tomadas, o que garante, com a reciclagem, uma boa capacidade de armazenamento).

O aterro sanitário terá 58 hectares. Os 116 hectares restantes serão reforestados e usados para produção. "Em 75% da área, haverá cultivo de mamona e grama para comercialização. Os 25% restantes serão cobertos com vegetação nativa", diz o chefe da Assessoria de Planejamento do SLU e coordenador do programa de coleta seletiva, Jorge Artur Chagas de Oliveira.

Os técnicos do SLU trabalham no Plano Diretor de Resíduos Sólidos, uma espécie de estratégia de como o lixo dos brasilienses será



tratado nos próximos anos. O ideal seria diminuir o número de rejeitos para 5% do total acumulado. São obrigatoriamente rejeitos os objetos compostos por mais de um tipo de material. Entre eles estão os absorventes femininos, as fraldas descartáveis e os sapatos. Esses últimos, geralmente feitos de borracha, couro e material sintético. "Fica muito difícil e caro separá-los", explica Jorge Artur. "Para que possamos usar esse tipo de ob-

jeto sem comprometer nosso futuro, é necessário que separemos muito bem os outros, que podem ser reutilizados", alerta.

BOMBONS

Os habitantes do Distrito Federal produzem 1,5 mil toneladas diárias de lixo. É uma produção per capita (por habitante) de 825 gramas todos os dias. A média nacional fica em torno de 600 gramas per capita. "Brasília é um

centro importador de mercadorias. Junto com elas, vem lixo. São caixas, caixotes e sacos", ressalta Jorge Artur.

Ele também chama a atenção dos consumidores brasilienses. "É preciso ter preocupação ambiental na hora de comprar", adverte. Jorge se refere às embalagens de vários produtos. "Os países europeus já estão se preocupando em diminuir o volume das embalagens."

Pode-se tomar como exemplo uma caixa de bombons. Tira-se o plástico, a caixa de papelão, o papel dos bombons, o alumínio para conseguir comer 10 gramas de chocolate. Na França, por exemplo, há uma caixa de doces em que se saboreia o doce e se come a caixa (feita de biscoitos). De lixo, mesmo, só o papel celofane que a envolve. "Se as pessoas se preocuparem com isso, as indústrias de embalagem terão de rever suas estratégias de marketing. Terão de acrescentar a preocupação ecológica", diz.

Outro caso de condicionamento anti-ecológico de produtos são as garrafas de plástico, recicláveis. "Muitas pessoas acham que estão contribuindo com o meio-ambiente porque compram produtos recicláveis", diz Jorge Artur. Mas o vidro, que pode ser reutilizado, foi abolido. É mais caro para as empresas transportá-los. Ou seja, com a introdução das garrafas de plástico, tipo *pet*, as empresas reduziram seus custos, aumentaram seus lucros e deixaram o pepino para a sociedade tomar conta.

Condomínio multa quem não separa o lixo

Carlos Moura



Jorge Kadar, prefeito da SQN 312, foi obrigado pelos filhos a comprar mais uma lata de lixo para separar material

O sucesso do programa de reciclagem depende de um ou outro trabalhinho extra dos moradores. O primeiro deles é comprar mais uma lata de lixo. O segundo é limpar bem as embalagens de comida antes de depositá-las no lixo seco (metal, plástico, papel e vidro). Não é para lavar, porque nesse caso o problema do Serviço de Limpeza Urbana seria apenas repassado para a Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) pelo aumento no consumo de água. A idéia é tirar o excesso de comida e resíduos das embalagens (veja quadro).

Há gente que faz isso com muito prazer, outros fazem à força. O economista Luís Carlos Pimenta, síndico do bloco D da 708 Norte, instituiu uma multa de R\$ 50 para os moradores que não separarem seu lixo. "Sempre tem alguém que deixa de fazer, por ignorância, desleixo ou preguiça", conta.

Todos os moradores do seu bloco devem entregar o lixo separado para o porteiro. Caso esteja tudo misturado, a ordem é devolvê-lo ao morador. "Eu conto com a maioria dos condôminos. Apesar da deficiente campanha

de esclarecimento do SLU, as pessoas estão começando a se preocupar com o lixo", afirma. "É um processo lento, cumulativo", justifica o secretário de Meio-Ambiente Chico Floresta.

Os moradores das asas Sul e Norte já estão em ritmo de coleta seletiva.

Só faltam os comércios da Asa Norte. Segundas, quartas e sextas são dias de lixo orgânico. Terças, quintas e sábados, de lixo seco.

Em Sobradinho, o esquema é um pouco diferente. Os moradores têm de levar o lixo seco a 90 colégios e

Igrejas espalhados pela cidade. Essas instituições vão trocar bônus do governo pelo lixo acumulado. Com esses bônus poderão pagar empresas de obras e serviços.

"Há empresas com capacidade de reciclagem ociosa pelo país afora",

diz o coordenador do programa de coleta seletiva, Jorge Artur de Oliveira. Em Brasília, as empresas apenas compram o lixo, que é reciclado nas próprias fábricas de garrafas, plástico, latas em outros estados. Além disso, o programa de reciclagem emprega 250 catadores, que selecionam o material aproveitável.

Nos locais onde a coleta seletiva foi adotada, o volume de lixo separado com taxa considerada "boa" pelos técnicos é de 70%. As quadras campeãs são a 202, 207 e 216 Sul, empatadas com 80%.

O prefeito da SQN 312, Jorge Kadar, está disposto a entrar na competição. "Estamos com um programa de conscientização de todos os síndicos da quadra", diz. Em casa, foram seus filhos Carlos Eduardo, de 12 anos, e Luís Henrique, de 11, que fizeram todo o planejamento da reciclagem. "Cheguei do trabalho, me fizeram ir comprar uma lata de lixo e bolaram todo o esquema de coleta no computador", conta. Com a entrada de Sobradinho no programa, que também inclui Brazlândia, serão 200 mil pessoas selecionando lixo no Distrito Federal.